



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

MAELI VIEIRA CRUZ MEDEIROS

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A NA
EDUCAÇÃO INFANTIL

Recife
2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA
Departamento de Políticas e Gestão da Educação

Declaração

MAELI VIEIRA CRUZ MEDEIROS

Declaro, para os devidos fins, que no dia 27 de março de 2024, às 14:00 horas, os professores abaixo nomeados participaram da banca de Trabalho de Conclusão de Curso II intitulado **A afetividade na relação professor/a-aluno/a na Educação Infantil**, da estudante **Maeli Vieira Cruz Medeiros** do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da UFPE.

BANCA	CONDIÇÃO
Liliane Maria Teixeira Lima de Carvalho	Professora de TCC II
Isabela Amblard	Examinadora Externa
Fatima Maria Leite Cruz	Orientadora do trabalho de TCC

Recife, 05 de abril de 2024.

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR/A-ALUNO/A NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maeli Vieira Cruz Medeiros
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

Esse trabalho busca, por meio de um estudo teórico, analisar o papel da afetividade na educação infantil e sua importância para o desenvolvimento emocional, cognitivo e intelectual das crianças nos anos iniciais. Trazemos a visão da afetividade de autores como Wallon, Vygotsky e Piaget que contribuem para a compreensão de como os vínculos afetivos influenciam a formação do indivíduo na sociedade, em particular, com o foco na perspectiva de Wallon e de sua ênfase nas relações interativas e na emoção afetando de forma positiva ou negativa o desenvolvimento dos alunos. Apresentamos essa relação do desenvolvimento humano e as fases da infância, como também, refletimos acerca do desdobramento da afetividade na educação infantil e a perspectiva do lúdico e do movimento na construção das aprendizagens.

ABSTRACT

This work seeks, through a theoretical framework, to analyze the role of affectivity in early childhood education, and its importance for the emotional, cognitive and intellectual development of children in the early years. Bringing the view of affectivity from authors such as Wallon, Vygotsky and Piaget who highlight the understanding of how affective bonds influence the formation of the individual in society, and how these relationships can positively or negatively affect the development of students, through topics on human development and the stages of childhood, as well as an explanation on early childhood education and the perspective of play in the construction of knowledge.

Palavras-chave: Educação Infantil. Afetividade. Relação Professor-Aluno. Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A afetividade faz parte da integralidade humana e afeta de forma positiva ou negativa, tanto por sensações internas, quanto por influências externas e sua importância para o desenvolvimento humano é valiosa. O ato afetivo não se restringe somente às emoções e sentimentos, mas está ligado, também, às vontades e tendências dos indivíduos em se expressar e atua como um conjunto funcional ligado à cognição, o que valida sua relevância para a educação infantil e os anos iniciais de escolarização.

O interesse sobre o tema de investigação deste Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia -TCC- começou, a partir das minhas experiências durante o estágio na Educação Infantil. Naquela ocasião, observava a interação entre os professores e os alunos, e do mesmo modo, passei a analisar como as minhas ações na expressão de afeto com as crianças influenciavam as relações dentro da sala de aula diretamente, bem como, no meu desempenho como professora auxiliar e regente. As demonstrações concretas de afeto e expressões de apego das crianças comigo, me levaram a pensar acerca dessa relação. Foram surgindo questionamentos sobre a importância da afetividade e das interações sociais para o desenvolvimento dos alunos, como também, refletia acerca da influência dessas relações na vida escolar e pessoal das crianças.

Na problematização do tema, questionamos se essas interações poderiam facilitar e/ ou dificultar o processo de aprendizagem desses alunos. Entendemos que desde o início da vida do ser humano, a afetividade e o *outro* são mediadores na satisfação das necessidades infantis. É a partir das interações com objetos, o ambiente, e a família, que cada sujeito será capaz da construção do Eu e a diferenciação do outro.

Essas interações vão ganhar novos horizontes no momento em que a criança é inserida no ambiente escolar, onde a criação de um ambiente acolhedor para o seu desenvolvimento deve ocorrer. Quando relacionamos a afetividade no âmbito da educação infantil é notório pontuar sua importância nos processos de desenvolvimento e de aprendizagem, pois, é base relevante em relação às suas capacidades emocionais, sociais e cognitivas. Por meio da interação da criança com o mundo e com aqueles que a rodeiam, tem-se a perspectiva relacional de desenvolvimento humano. A

psicologia tem contribuído com a educação no sentido de teorizar aspectos desse desenvolvimento apresentado, através de pesquisas acadêmicas, que investigam como essa afetividade contribui na formação humana.

O trabalho está dividido em sessões. Na primeira fazemos a contextualização teórica da infância e da educação infantil e o lugar da afetividade e a sua relação com a educação; e na segunda, destacamos a importância do professor no processo de formação do sujeito e realçamos a influência do ambiente escolar, a educação infantil, nesse desenvolvimento. Na terceira apresentamos a metodologia do estudo. Na quarta, nossas principais reflexões e, por fim, as considerações finais.

Deste modo, ao compreender a importância da afetividade, as particularidades de cada aluno são abrangidas e validadas para o seu desempenho social e cognitivo. O papel do educador é mediar cada uma delas. Com esta visão suas práticas pedagógicas terão a preocupação com os fatores, além do cognitivo, sobretudo, os emocionais e outros, pois, são também trabalhados na integralidade humana na constituição do sujeito e construção de valores.

2. CONCEITO DE INFÂNCIA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

A construção social do conceito de infância é relativamente algo novo que veio a se consolidar com a modernidade, já que as crianças por muito tempo costumavam ser reconhecidas como mini adultos, já que não existia uma diferenciação de tratamentos, nem se entendia a existência de um mundo próprio em que essa faixa etária se encaixaria, portanto, não havia um sentimento de infância (Ariés, 1978). A urgência em se entender o que seria a “Infância” veio com a necessidade de separação do modo de vida dos adultos e das crianças, o que ganhou força com a criação da escola. E essas mudanças ocorreram por meio das transformações na vida social e cultural, principalmente, nas transformações no mundo do trabalho.

Apenas a partir do século XVIII surge esse novo conceito, criando-se então uma concepção de infância, na qual as crianças passam a ser tratadas com suas particularidades, e a serem percebidas como indivíduos singulares, com sentimentos próprios. Ao compreender a importância dessa concepção, se viu a necessidade de criar meios para “proteger” a criança e o sentimento de infância dentro da sociedade (Ariés, 1978). O ser humano como ser social tem como algo indispensável para o seu desenvolvimento - as relações sociais e as diferentes interações com o *outro* e com o

ambiente sócio-cultural ao qual está inserido. São essas interações que irão possibilitar a formação emocional, intelectual e pessoal de cada indivíduo, os preparando para as diversas situações ao longo da sua vida, possibilitando seu crescimento.

Rogoff (2005) aborda que a mente humana é considerada social e cultural, desde o nascimento, desta forma o desenvolvimento humano está intimamente ligado à junção do cognitivo, psicológico e emocional, incluindo o meio em que o indivíduo está inserido, fazendo, então, com que o sujeito seja afetado e transformado pelas relações que irá estabelecer.

Do ponto de vista da psicologia, de acordo com Brito e Koller (1999), a rede de apoio social está relacionada à influência sobre o desenvolvimento emocional e social das pessoas no decorrer da vida, e a reação positiva ou negativa da presença desses vínculos, ou seja, o desenvolvimento é construído e adaptado por meio da cultura e seus marcadores sociais, além da ação subjetiva de cada pessoa sobre estes referentes. Sendo assim, temos a infância como marco inicial do desenvolvimento humano, e que apesar do conhecimento comum delimitar a criança como um ser apenas frágil e dependente, é preciso compreendê-la não como um ser passivo, mas como sujeito histórico, capaz de produzir conhecimento, sendo eles relacionados com o espaço cultural de pertencimento.

Assim, podemos afirmar que o desenvolvimento humano é um processo de construção que se dá por meio das múltiplas interações que se estabelecem entre o ser humano e todas as pessoas e a cultura que o rodeiam, principalmente, aquelas com que irão manter um vínculo afetivo. Não existe um desenvolvimento linear, com um propósito final, mas, uma constante construção e reestruturação do indivíduo durante todo os seus ciclos de vida, que moldam a identidade de cada ser social, e essas mudanças envolvem a todos.

Na primeira infância, as primeiras 4 semanas de vida de um bebê é a fase de transição entre a dependência da vida intrauterina e a existência independente. Nos primeiros meses, a criança se desenvolve muito rapidamente. Por causa dessa dependência que os bebês possuem com o outro cuidador, suas necessidades estão sendo constantemente atendidas, como também, o modo de como lidar com a descoberta do mundo está totalmente ligado à visão do outro. Assim, o bebê irá se adaptar ao ambiente cultural de seu pertencimento.

Cada aprendizado de habilidade simples vem a preparar o bebê para novos aprendizados, então, esse conjunto de habilidades se combinam em um sistema de

ações mais complexas. Deste modo, na primeira infância começam a aparecer os sinais de personalidade dos indivíduos, através das emoções, sendo assim a partir dos primeiros e contínuos estímulos com o ambiente e com o Outro irá resultar seu desenvolvimento psicossocial.

A primeira rede de apoio social na infância é a família, e a partir desse contexto, a forma que a criança vai agir, sentir e se relacionar na sua interação com o adulto. Deste modo, quanto mais acolhido, protegido, seguro e compreendido nas suas ações, mais saberá lidar com as diversas transformações dos ciclos sociais posteriores. Geralmente, essa primeira relação afetiva se dá com a mãe/figura materna, com a qual o bebê experimentará o apego. Essa priorização é construída pela capacidade do recém-nascido de fazer com que o outro cuide dele, entendendo suas necessidades.

Assim, se desenvolvem as primeiras formas de comunicação, através de gestos, sons vocalizados e expressões, fazendo com que sejam atendidas as necessidades infantis. Tal vinculação nos leva a questionar, o porquê de precisar criar uma relação e vínculo, para que essa comunicação seja inteiramente eficaz?

A criação de laços afetivos dos seres humanos é bem mais complexa do que os de outros seres vivos, pois leva muito mais tempo para se desenvolver, sendo um processo difícil e com funções mais amplas, já que para se tornar um ser social e cultural na fase adulta, não basta apenas aprender a andar e se alimentar. É preciso estar inserido em uma cultura, ter a desenvoltura de uma linguagem, ao ponto de compreender e se fazer compreendido, entendendo a si mesmo e ao outro.

À medida que a criança cresce ela passa a sair mais da segurança que as relações de apego proporcionam, entrando em processo de conhecimento e exploração por si mesma, ainda que acobertado pela proximidade da sua figura de maior afeto. Esse apego vai fornecer à criança a possibilidade de explorar e descobrir com maior confiança sobre o mundo, podendo ter uma figura com quem possa compartilhar suas descobertas, que possa ter um modelo a quem imitar e comparar as ações e reações. Nessa junção entre apego e exploração, a criança desenvolve o reconhecimento maior de que é um indivíduo com vontades e pensamentos particulares, e não a fusão com suas figuras de apegos, aprendendo mais sobre o outro pode conhecer mais de si mesmo, através das semelhanças e, principalmente, pelas diferenças. O sujeito passa a viver um processo que dura toda uma vida de forma não linear, com altos e baixos, transformações e mudanças em uma constante necessidade de pertencer e se conhecer.

Em relação à segunda infância a criança cresce de forma mais lenta, mas com progressos significativos no desenvolvimento e coordenação muscular do seu corpo, em relação às habilidades motoras finas e grossas. É durante esta evolução que temos uma dos mais importantes ciclos psicossociais das crianças, pois, é quando elas estão tendo sua identidade construída, entendendo mais sobre quem são no mundo, mesmo que a concepção de mundo dela ainda seja restrita, se reconhecem como seres individuais com visões próprias sobre si mesmos e sua personalidade, descobrindo mais sobre o desconhecido e agregando aos seus conhecimentos, os já adquiridos.

A terceira movimentação no desenvolvimento vem acompanhada de uma evolução mais lenta em relação às outras, porém, com mudanças que contribuem para o crescimento da criança em relação às diferenças de idade do início ao final desse ciclo. Nesse estágio existe um grande desenvolvimento cognitivo: a criança aprimora seu pensamento lógico, conceitos espaciais, dedução, caracterização e memória. Através desse progresso conceitual, a criança terá estabelecido questões de categorização e sequenciação, como também a inferência transitiva, a noção de espaço e lugar são melhor desenvolvidos, sendo capazes de memorizar lugares, caminhos e pontos de referência, como também a consciência de causa e efeito.

2.1 Educação infantil como direito: legislação e conquistas sociais

Conforme o processo histórico veio mudando ao longo do tempo, surgiu a necessidade de uma responsabilidade educativa e, não apenas, práticas de cuidado em relação à criança dos anos iniciais, independente da classe social. No Brasil, através da Constituição Federal de 1988 e mudanças das leis relativas à proteção e direitos da criança, cada vez mais, crianças passaram a frequentar o ambiente escolar. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 é assegurado o direito ao atendimento em creches, pré-escolas e centros educacionais às crianças de 0 a 5 anos, como também, por meio da emenda de 2009, a matrícula de crianças na escola, a partir dos 4 anos passou a ser obrigatória.

A educação é garantida pela LDB, que assegura à criança a viver sua infância verdadeiramente, com direito ao ambiente escolar que a auxiliará no processo de descobertas e construção de aprendizagens e conhecimento. A escola vai desenvolver na criança o sentimento de importância com o outro, já que como lugar de socialização entenderá a existência de outros que, assim como ela, tem pensamentos próprios e vontades. Pode, então, compreender que precisa conviver com o outro, apesar das diferenças, e encontrar afinidades que conduzirão à criação de vínculos. É na escola

onde surgem os desafios necessários para essa formação, como o segundo ambiente de socialização depois da família, e com grande peso na assistência da formação de identidade do sujeito.

Como essa construção de identidade está ligada à socialização, o convívio no ambiente escolar produzirá a pluralidade necessária para essa formação, podendo proporcionar ao sujeito a construção e reconstrução de princípios e práticas que consolidam sua identidade, para que assim possam com autonomia construir sua identidade e reconhecer suas características através do seu modo de viver.

Essa construção não é apenas unilateral, é preciso uma parceria entre a família e a escola para que as dificuldades não sejam limitadoras e as conquistas não sejam desmerecidas, mas com afeto todas essas mudanças e transformações sejam usadas para a formação de um sujeito capaz de se comunicar e expressar, de reconhecer suas falhas e pontos fortes, sendo motivado pelos seus interesses, auxiliados por meio dos planejamentos do docente. Através da educação escolar estará apta para buscar, por si só, mais do que apenas receber uma transferência de conhecimentos.

Os questionamentos que surgem na educação infantil, por consequência dessas mudanças, são as atividades que serão realizadas nesses espaços. As crianças podem ser sujeitas a práticas educacionais que limitam a sua evolução, ações que empobrecem o desenvolvimento da criança, ou outras em busca de uma antecipação de aprendizagens, o que acaba por desconsiderar as particularidades dessa fase.

A ideia de que é preciso respeitar a evolução de cada faixa etária, já é bem mais divulgada, tratando de não apenas reproduzir um ensino de anos posteriores. Entende-se que é essencial compreender que é possível o desenvolvimento da criança, a partir de um ensino organizado e planejado para suprir as demandas necessárias para os anos iniciais que serão base para a evolução das seguintes etapas que seguem até a fase adulta. Refletimos que é fundamental nessa etapa de escolarização, compartilhar da concepção de que a criança não perca a infância para uma proposta em que as tornam modelos de pequenos adultos, recolhendo realizações através de atividades extras, para uma vida que elas nem decidiram que querem ter ainda.

Quando o tempo de aprendizagem é respeitado de acordo com a fase em que a criança está vivenciando, ela consegue se desenvolver por meio do lúdico, que a auxilia nesse processo de aprendizagem, socialização e conhecimento. Segundo Vygotsky (1991), a brincadeira consegue criar uma relação entre o campo do

significado e o das percepções, produzindo pleno desenvolvimento físico, cognitivo e social. Para Piaget (1971) essas atividades lúdicas vão permitir que as crianças consigam, através da brincadeira, exercer domínio sobre a sua realidade e visão de mundo, diferente do adulto, porque construída de forma prazerosa.

2.2. EDUCAÇÃO INFANTIL: lugar de aprendizagens, brincadeiras e afetos

Para compreendermos historicamente a educação infantil é necessário a consciência de que a sociedade têm diversas visões e concepções do que é criança, e do que é infância como comentamos na sessão anterior. Quando situamos essa educação para a Roma antiga as crianças que recebiam a educação era apenas as do sexo masculino, quando eram separados da família para serem totalmente formados para a vida adulta. Nessa relação social não existia ternura ou afeto.

Então, ao longo da história essa fase da vida perdia a importância já que se considerava que passava rapidamente. Ariés (1981) expressa que por este motivo, dos pensamentos e sentimentos serem desvalorizados pelos adultos, a construção de conhecimento e valores das crianças vinham apenas da transmissão que recebiam dos adultos e, na maioria das vezes, essa transferência era feita de modo que fosse vantajosa apenas para os adultos. Desta forma, como a fase da infância era considerada irrelevante para o desenvolvimento infantil, mesmo dentro do ambiente familiar não existia uma responsabilidade afetiva, nem troca significativas de sentimentos. Apenas com o tempo essas concepções vieram a ser modificadas.

Quando a igreja católica assume um papel dentro da educação, as crianças passam a ter um espaço com alguma importância dentro dos seus meios sociais. Sendo assim, mesmo que de forma lenta e reduzida, à medida que o tempo passa e com a consolidação da declaração do direito da criança, elas passam então a ter um lugar significativo dentro da sociedade e da família, ou seja, um lugar de merecimento de cuidados e afetos. A criança na sua fase da infância começa a ser vista como parte integrante da sociedade, com pensamentos e vontades próprias, capazes de acrescentar, cada uma com sua particularidade. Para que ela se desenvolva é necessário, portanto, um ambiente capaz de valorizar e auxiliar seu crescimento.

Na primeira infância a criança ainda não tem autonomia para as ações básicas de autocuidado, então, precisa do outro como parte essencial do seu desenvolvimento, e, desta forma, o afeto e cuidado estão totalmente ligados à educação. É nos anos iniciais que a criança passa a conhecer mais de si, do outro e do que seria também o

nós; vai ter consciência de tempo, espaço e lugares, como também, vai desenvolver sua coordenação motora, linguagem e sua relação com o mundo a sua volta.

Diante dessas circunstâncias, o sentimento de infância passa a mudar a concepção de como as crianças são vistas na sociedade e a sua importância. Com isso, surge a urgência da criação de um ambiente que auxilie a educação desses indivíduos, além da família. Com as mudanças dentro da sociedade, as estruturas tanto familiares, quanto no mundo do trabalho, precisaram de um outro espaço de formação ou de assistência, já que com as mudanças muitas mães, também, entraram no mercado de trabalho formal. Porém, quando falamos em instituições de ensino na educação infantil temos que ressaltar que, inicialmente, estas não foram projetadas para o ensino e a aprendizagem, mas surgiram como um espaço apenas assistencialista, situação que ainda persiste, em algumas políticas e práticas na educação infantil.

Sendo assim, a priori, os filhos dos trabalhadores acabam ocupando os espaços em que há uma perspectiva mais assistencialista, sem uma educação formativa como foco, enquanto há instituições onde o foco está na educação e formação geral do desenvolvimento.

O brincar vem a ser reconhecido como uma linguagem, quando se entende que esse processo de socialização não é apenas para formação da vida adulta, mas uma forma de criar significados e constituir a cultura infantil, auxiliando na criação da autonomia. É por meio de jogos e brincadeiras que as crianças são desafiadas, e levadas a refletir sobre soluções e práticas sociais, tanto em relação a si como ao outro. Almeida (2005) caracteriza a brincadeira pela estruturação e utilização de regras, podendo ser uma atividade tanto coletiva quanto individual. Na brincadeira a existência das regras não vem para criar limitações à ação lúdica, assim a criança pode modificar as próprias regras, existindo uma maior liberdade de ação para as crianças. Desta forma, é possível perceber que elas experimentam o mundo através de exemplos vivenciados em suas brincadeiras, em suas interações com outras crianças e adultos, que são referenciais para certas ações, assim conseguindo desenvolver a imaginação e criatividade, aprendendo a lidar com diferentes situações.

A importância do ato de brincar está intimamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, emocional e afetivo da criança, pois, é por meio dessa ação que elas expressam suas vontades e desejos e quanto mais ludicidade ao longo do seu crescimento mais fácil o seu desenvolvimento. Segundo Wajskop (2007) a criança vai

desenvolver através das experiências sociais das suas interações, dessa forma, a brincadeira é uma atividade na qual as crianças são introduzidas conseguindo assimilar e recriar outras experiências socioculturais, a partir dos outros.

Essa prática passa a ser, portanto, essencial dentro do ambiente escolar, não mais apenas como uma fuga entre tantos conteúdos, mas uma maneira auxiliar de complementação do ensino e da aprendizagem. Em momentos livres ou dirigidos, a brincadeira é indispensável para a formação da criança na infância.

O brincar, além da função de socializar os participantes, vem com aspecto integrador, porém, quando pensamos nas brincadeiras atuais conseguimos notar as diferenças nos estilos e formas de brincadeiras de outras gerações, muitas das vezes, limitadas e com falta de criatividade. Grande parte desse problema podemos responsabilizar o uso precoce de telas, que surgiu como forma de auxiliar a vida moderna, todavia, sem o uso correto pode ser o causador do atraso no desenvolvimento na educação infantil. E como muitas vezes esse uso precoce de telas têm afetado as relações com o outro, a escola acaba sendo a maior fonte de socialização e transmissão cultural com espaços lúdicos para as crianças brincarem e explorarem.

É importante para o planejamento do docente que a brincadeira não seja apenas usada como atividades dirigidas, mas que existam momentos onde as crianças, de forma livre, consigam mediar suas próprias brincadeiras de forma autônoma e criativa. De acordo com Borba (2007), a brincadeira é na maioria das vezes associada à infância e às crianças, porém, ainda é considerada irrelevante ou de pouco valor quando avaliado do ponto de vista da educação formal. Por este motivo ainda existe um preconceito de que o brincar livre não tem valor pedagógico ou de que não agrega dentro de um currículo. Essa ideia é equivocada e vem da cobrança da escola como um espaço de busca de resultados, sobretudo, dos pais que cobram um certo desenvolvimento precoce que em nada vai ajudar no desenvolvimento da criança a longo prazo.

Essa cobrança por resultados só cria a insegurança que leva ao erro, o cansaço mental para alcançar algo que não precisa desenvolver nessa faixa etária, o que sobrecarrega crianças na fase que deveriam ser mais lúdicas. Acreditamos que não basta apenas integrar a brincadeira, mas fazê-la parte do ensino e da aprendizagem da criança em todo o tempo necessário.

Conseguimos, então, assimilar que a educação é um processo que vai contribuir

para o desenvolvimento humano desde a fase da infância, seja intelectualmente, emocionalmente como cognitivamente. A educação escolar tem a sua valorização atrelada a transmissão de conteúdos que façam com que os estudantes consigam compreender e estar inseridos na sociedade de forma crítica, sendo a experiência inicial que ele terá através da cultura acumulada historicamente pela humanidade. Como cumprir essa função social na educação infantil sem cometer os erros que vão contra o desenvolvimento das crianças no seu devido tempo, pulando etapas e antecipando parte de suas aprendizagens ou explorando o brincar, mas sem intencionalidade?

De acordo com Arce (2013) deve haver um ensino na educação infantil sim, mas que não deve ser reduzido apenas a aulas expositivas e, sim, uma produção contínua e intencional de explorar, conhecer e descobrir com o educador contribuindo para a formação de conceitos e a criança ter o pensamento crítico. Deste modo, o ensino estará presente a partir de um planejamento intencional nas atividades e trocas entre os alunos e o professor. Através da construção do conhecimento o docente explora o mundo e o descobre junto com a criança de forma intencional, por meio de objetivos que irão gerar o desenvolvimento, tornando a criança capaz de compreender, pensar, criar e imaginar, realizando sozinha aquilo que ainda não conseguia inicialmente, criando então sua própria visão de mundo, como bem situa Wallon.

3. Wallon e o desenvolvimento infantil

Para Wallon (1934) existem três formas de expressar a afetividade: por meio da emoção, dos sentimentos e das paixões, e essas manifestações surgem durante toda a vida do sujeito, assim como se inicia na infância e apresenta uma evolução à medida que crescemos. Sendo a emoção a primeira expressão de afetividade é um dos campos que vai apresentar uma das questões mais importantes que envolve as práticas pedagógicas, em especial a relação professor-aluno, considerando que, os professores vêm a ser uma das grandes influências na formação do aluno. Vale ressaltar que o desenvolvimento não é linear e nem tem um encerramento em uma idade específica, mas será algo contínuo.

De acordo com Mahoney & Almeida (2005), para Wallon o desenvolvimento humano acontece em cinco estágios, nos quais serão expressas as características vivenciadas em cada fase, sendo elas:

- Impulsivo-emocional que ocorre no primeiro ano de vida do sujeito, onde a afetividade vai ser predominante nas reações do bebê com o outro e o mundo físico, por meio de movimentos, do toque, numa comunicação não-verbal;

- Sensório-motor e projetivo que ocorre até os três anos, onde a criança já fala e anda, tendo o seu interesse voltado para os objetos, para o exterior, para a exploração do meio;

- Personalismo vai dos três aos seis anos, é nesta fase onde o indivíduo desenvolve a construção de consciência de si, em uma formação do “eu”, da descoberta de ser diferente do “outro”;

- Categorical dos seis aos dez anos, a criança vai aprimorar os progressos intelectuais, fazendo com que ela tenha organização do mundo em categorias que a leva a um melhor entendimento das diferenças entre o “eu” e o “outro”.

Na progressão desses estágios existe uma alternância funcional entre as formas de atividades e interesse da criança, há predominâncias que integram as conquistas alcançadas anteriormente, sendo construído um grande processo de integração e diferenciação. Wallon também enfatiza a importância da emoção no desenvolvimento humano, pois, todas as trocas e contatos que a criança recebe desde o nascimento são feitos de emoções e não apenas da cognição.

3.1. AFETIVIDADE: seu lugar na construção do sujeito social

Para entendermos a importância da afetividade é necessário compreender o seu conceito. Para Eugene Bleuler (1925), nos primórdios da Psicologia como ciência o termo afetividade é a habilidade humana de experimentar emoções e sentimentos positivos ou negativos e a forma como reagimos a estes. Sabendo, também, que deriva da palavra afeto, que por sua vez é o sentimento intenso, podendo ser bom ou ruim, com diferentes graus de complexidade e conectado com as sensações que serão direcionadas a outros indivíduos, podemos afirmar que a afetividade é um processo que não pode ocorrer individualmente, e sim, dentro de uma relação recíproca entre sujeitos, dadas essas trocas mediante a reciprocidade da relação com o adulto vai ser possibilitado-o pensamento inicial que vem a mover o desenvolvimento da criança, através dessas relações, do ambiente físico e social.

Então, as relações afetivas estão ligadas aos estímulos positivos externos e internos que a criança experimentará socialmente. Quando focamos na perspectiva teórica de Wallon sobre afetividade percebemos que a construção do sujeito e do seu conhecimento vai depender da intercalação entre a relação do objeto de estudo com o seu cotidiano, ou seja, quanto mais o indivíduo se conecta com sua realidade mais ele conseguirá compreender e se enxergar nesses espaços de conhecimento.

De acordo com o autor a afetividade tem momentos de evolução e que esses momentos são resultados de uma construção orgânica e social, sendo elas a emoção onde através dela é possível a demonstração de afeto por meio do corpo e do sistema motor. É o sentimento que vai ser responsável pela expressão de afeto sem a urgência da emoção e a paixão que é o autocontrole da emoção em propósito de algo.

Conseguimos analisar a afetividade como sendo a relação entre as mais variadas formas de experiência de um indivíduo, seja na sua família, na escola, ou na sociedade. Sem esse sentimento é impossível manter relações profundas e duradouras, porque a vida afetiva e cognitiva de cada um está totalmente ligada uma à outra, e o desenvolvimento em ambas as áreas dependem umas das outras, desta forma Piaget (1976) acredita que o afeto pode adiantar ou retardar o cognitivo. Tendo a afetividade como uma das bases centrais para a construção de conhecimento de acordo com Piaget (1975), esse ato vai criar um ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação sendo um mecanismo que auxilia na regulação necessária para assegurar à criança as suas interações no ambiente em que ela está inserida.

Desta forma, uma das grandes questões a serem analisadas quando se reflete sobre a educação infantil é questionar as maneiras pelas quais a relação aluno-professor vai influenciar a aprendizagem do aluno, e quais os resultados de um ambiente criado para o desenvolvimento do afeto, que busca superar a vulnerabilidade de sentir, aprender, entender a si e ao outro.

A afetividade, ao contrário do senso comum, não está relacionada apenas com amor e carinho, ou um sentimento exclusivamente positivo, mas Wallon afirma que é a capacidade do ser humano de ser afetado tanto positivamente como negativamente por razões internas ou externas. Ele acreditava que o indivíduo evolui, tanto psiquicamente, quanto biologicamente, a partir de três dimensões: motora, afetiva e psíquica, em uma ação recíproca, não importa qual das dimensões estejam em dominância, porque todas atuam em alternância, e, desta forma as conquistas se integram umas às outras.

Por este motivo, ele não enxerga a criança como um ser que seria definido por partes, de forma fragmentada, mas entendia a necessidade de observar, entender e analisar o todo, não como algo que ainda se completaria ou parte do que um adulto iria se tornar. Atribui a fase da infância a importância evolutiva a qual se estava vivendo naquele momento. Assim, é possível compreender o ser humano como a evolução de todas as suas fases dentro do processo de integração dele com o meio, sendo social,

cultural e familiar. Neste contexto, refletimos sobre a importância do ambiente escolar em relação à capacidade de influenciar o aluno que se sente afetado pelo professor com quem se relaciona todos os dias.

Outro autor que também vai trazer a importância da socialização para a construção do conhecimento é Vigotsky. Ele menciona que para essa construção ocorrer é necessária a ligação do docente com as vivências do aluno, sejam sociais, sejam culturais e/ou emocionais. Na maioria das vezes, por meio de um mediador, é possível que o conhecimento venha a ser construído. Neste enfoque, é necessário mais do que apenas a transmissão de conteúdos, na mediação professor-aluno é o movimento de construção do sujeito que caracteriza esse processo.

A afetividade, socialização e trocas de ideias são extremamente necessárias para essa formação ativa e, desta forma, o estudante poderá com suas próprias palavras e pensamentos desenvolver o conhecimento que lhe foi apresentado, acrescentando, e ainda, ampliando com senso crítico a respeito do que conheceu. O autor afirma, também, que a formação de pensamento do sujeito é determinada por suas motivações e interesses, o que faz com que tenhamos a necessidade de realizar tais ações, portanto, somos condicionados por nossos sentimentos, impulsos, afetos e emoções.

Essa motivação, seja ela um compromisso, ou a necessidade de alcançar algo é necessária, pois vai ser o que impulsiona o ser humano na realização de atividades, independente das áreas, porém, quando trazemos para o ensino aprendizagem, esse afeto é de extrema importância, tanto como a forma que o professor mediador vai expor o seu conteúdo para o desenvolvimento do estudante. Existe uma grande ligação da capacidade de conseguirmos aprender e compreender determinado assunto e a vontade de fazê-lo, ou seja, dependendo da forma que somos motivados pelas nossas vontades e pelas vontades e afetos, assim como também dependendo de quem é o mediador.

Martha Kohl (1992) descreve que para Vygotsky a linguagem é um dos instrumentos mais essenciais para a comunicação e socialização dos indivíduos por meio de duas funções básicas: o intercâmbio social e o pensamento generalizante. O intercâmbio social funciona, a partir da troca comunicativa entre dois indivíduos com a intenção de transmitir conhecimento. Já o pensamento generalizante é a função de generalizar os conceitos aprendidos com as vivências de cada indivíduo, desta forma conduzindo a fixação dos conteúdos mais importantes.

Sendo assim, a partir do momento em que o professor transmite um determinado conhecimento através da linguagem e comunicação ele está realizando o intercâmbio social, então, após essa socialização os estudantes conseguiram reter os conteúdos ao expor seus pontos de vista ligados às suas vivências e ao seu cotidiano. Desta forma, por causa de todas as trocas entre estudantes e professores por meio da socialização dos assuntos, a aprendizagem será mais efetiva como também se confirmará afetiva.

Quando trazemos Piaget, segundo Arantes (2002), não existe a afetividade sem que o cognitivo esteja relacionado, já que é necessário por meio da inteligência entender as situações e sentimentos pelos quais se está passando, para só então agir com afeto de acordo com o estímulo que sofrer. Arantes (2002), menciona que para se assimilar um conteúdo, seja de forma teórica ou prática é essencial que haja uma interação afetiva entre o docente e o discente. Sendo assim, a transmissão de conhecimentos vai de certo modo ser uma relação entre indivíduos, tendo um que transmite e outro que recebe, podendo também haver trocas dependendo do grau da relação construída.

De La Taille (1992) pontua que para Piaget existem dois tipos de relações sociais: coação e cooperação. Entendemos por coação a relação entre uma ou mais pessoas em que uma das partes exerce um papel autoritário. Utilizando o exemplo escolar o professor seria o detentor de conhecimento e o estudante apenas o receptor, sem interações ou trocas significativas, na qual o estudante apenas ouve e aceita tudo o que lhe é imposto. Esse tipo de relação acaba por empobrecer as relações sociais. Na relação por cooperação, por sua vez, como o nome já diz é uma construção por meio de discussão do conhecimento do aluno, há uma participação no desenvolvimento de compreensão dos assuntos entre os indivíduos.

Piaget define a afetividade, portanto, como uma energia que vai impulsionar e motivar o ser humano a realizar ações e desenvolver o seu intelecto. Desta forma, ao ter uma relação social cooperativa o estudante e o professor ambos estão ligados à construção do conhecimento, através da comunicação, e de discussões sobre os conteúdos aprendidos, eles se sentirão mais movidos na busca de soluções e aprendizagens e esse fator motivacional é a troca de afeto.

Na visão de Piaget, com o surgimento da linguagem para a criança ter seu comportamento intelectual e afetivo mudado completamente, ela passa a desenvolver seus próprios pensamentos, internalizando e construindo uma socialização mais

abrangente, desenvolvendo sua mentalidade. Desta forma, as relações humanas passam a ser mais complexas, já que as emoções também seguiram uma linha de desenvolvimento paralela à que é intelectual. Assim, à medida que cresce, o indivíduo tende a criar interesses e valores com base no que lhe traz mais afeto, conhecendo sentimentos de autovalorização e inferioridade a cada sucesso ou fracasso.

A primeira moral que nasce na criança segundo o autor é a obediência aos pais, que nasce do respeito e do temor, no momento em que a criança acata as ordens que lhes é direcionada, e esse sentimento se espalha, dentro da escola, quando a criança enxerga a figura do professor como uma figura de autoridade, a quem deve respeito, tendo em mente que respeito e obediência não caminham com o autoritarismo.

É a partir dos questionamentos e da construção de conhecimento para além do outro que a criança terá evoluída as suas próprias vontades, o que difere dos seus desejos, pois, a vontade muitas vezes irá de encontro ao que o sujeito quer, mas é algo de que ele precisa. Com o crescimento do ser humano passando pela fase da infância até a fase adulta Piaget conclui que é através da afetividade que o indivíduo obtém consciência de seus valores morais, assim, vai evoluindo e sendo posto em situações de autonomia e conflitos, o sujeito finalmente amadurece.

Se para Piaget a afetividade é a energia que impulsiona as ações do sujeito, para Wallon vai ser um componente essencial e permanente para essas ações. De acordo com Saltini (2000), o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual, deste modo, ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Embora apenas o afeto não seja condição suficiente para formação do cognitivo, ele vai acelerar esse desenvolvimento quando posto como interesse e necessidade, já que somos movidos por tais sentimentos. A afetividade não é responsável pela construção da inteligência, mas essa construção é preenchida pelo aspecto afetivo, estando ligados e dependendo um do outro para funcionar. A partir do momento em que o estudante perde esse sentimento afetivo não sendo mais impulsionado pelos seus interesses, ele cria um bloqueio em determinado assunto ou matéria se demonstrando apático e desinteressado, todavia, ocorrendo o oposto ela desenvolverá um melhor desempenho no seu campo de aprendizagem.

Vale ressaltar que, um conhecimento passado sem significado para o estudante não provoca uma real aprendizagem, nem irá produzir interesse ou motivação alguma. Se a criança cria interesse por determinado tema ela é capaz de assimilar o que está sendo ensinado e ter suas próprias ideias, criando um pensamento consolidado. Então,

se o professor não se importa com esses afetos e apenas transmite os conteúdos irá produzir uma aprendizagem desinteressante e sem importância alguma para o aluno.

3.2 O papel do professor na educação infantil

A escola tem o papel de intermediar o conhecimento científico, ao mesmo tempo em que forma cidadãos através da socialização, do conhecimento cultural, assim como da relação desses meios com suas próprias vivências. Na educação infantil esse leque é bem mais abrangente, já que vai ser o primeiro ambiente fora do convívio familiar onde a criança irá começar a explorar o mundo e suas novas descobertas por uma ótica diferente. Desta forma, se faz extremamente necessário o alinhamento entre o pedagógico cognitivo e afetivo, visando uma prática docente que com apoio da família possa visar a formação da criança.

Mesmo ao ser inserida no ambiente escola em socialização com um mundo completamente novo a criança permanece com suas características e diferenças individuais que serão impulsionadas dentro da sala de aula, não como um meio de moldar a criança, mas estratégia de fazê-la se descobrir, a partir da descoberta do mundo a sua volta, de compreender suas emoções e sentimentos, criar afetos e desafetos, criar laços e descobrir uma relação com outros indivíduos e os reconhecer como seres também individuais e com vontades próprias.

No primeiro contato da criança com a escola é notável o desconforto e a rejeição no primeiro momento com o ambiente e as com pessoas, já que todo o meio social que conhece ainda é restrito e se resume à sua família. Na fase de acolhimento é imprescindível para essa adaptação às mudanças, estudos que conduzam à reflexão, percepção e execução de ações transformadoras, dentro da sala de aula, através dos docentes. Essa base nos alerta para a necessidade de professores sensíveis, capazes de compreender e validar os sentimentos dos seus alunos, construindo juntamente com eles uma base de conhecimento que parte do lúdico para uma aprendizagem intencional, respeitando a infância e as necessidades que a faixa etária precisa para o desenvolvimento.

O professor tem um papel fundamental nos processos de ensino e de aprendizagem do aluno, como mediador ele oferece meios para construção do conhecimento e de conceitos, não de forma impositiva, mas de modo que a partir dos ensinamentos as crianças possam ter o pensamento crítico de formar suas próprias opiniões, por meio de suas motivações e vontades.

Sabendo que muitas vezes a escola precisa fazer o papel que antes só a família

fazia, e suprir certas ausências e carências, o professor da educação infantil precisa ter em mente que existem esses desafios dentro das relações com diferentes alunos que vivem em diferentes meios familiares, e entender que todas essas circunstâncias irão afetar o ensino e a aprendizagem dos alunos. Cabe ao docente, criar métodos que supram as necessidades afetivas fazendo com que as crianças consigam evoluir por meio de uma relação afetiva que seja referência e contribua de forma positiva, independente da sua realidade social e familiar.

Sendo assim, a afetividade irá refletir diretamente no intelectual, portanto, sem afeto não há como ter motivações, nem interesses por aprender. Desta forma, não são gerados questionamentos ou problemas, nem soluções. À medida que esses vínculos afetivos estão alinhados com o desenvolvimento social teremos sujeitos formados criticamente que buscam suas realizações e desejos em detrimento de suas vontades, a partir dos conhecimentos aprendidos e refletidos, não somente aceitando os que lhe são impostos pela sociedade.

Esse amadurecimento se dá gradualmente à medida que a criança cresce respeitando cada fase que está vivendo, com isso a capacidade de compreensão e formação de conhecimento vem através das trocas feitas entre a socialização com o meio e com as pessoas à sua volta, portanto, o desenvolvimento da criança é ativo e não linear. Assim a sua formação não ocorre de forma separada, mas integra o emocional, cognitivo e afetivo e depende, igualmente, um do outro, para esse desenvolvimento.

Assim, o professor como mediador vê formas de criar um ambiente onde seja possível uma boa convivência através da cooperação e de trocas significativas. É necessário, portanto, que o educador junto com a escola compreenda e respeite o processo evolutivo de cada estudante, conhecendo cada particularidade, sabendo que não está formando um modelo pronto, mas que a partir das individualidades está auxiliando a formação de cada sujeito em particular. Sabendo que na educação infantil o professor precisa ter ciência que a afetividade depende da socialização, que conduzirá a criação de vínculos e assim iniciando todo o processo de desenvolvimento.

4. METODOLOGIA

Foi realizada uma análise documental relativa à normatização para a educação infantil, procedimento que de acordo com Sá Silva, Almeida e Guindani (2009, p. 5) é, “[...] um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão,

compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos”. Sendo assim a análise documental pode ser desenvolvida a partir de diversas fontes e diferentes tipos de documentos, não somente textos escritos mas também leis, fotos, vídeos entre outros.

Dentro de uma pesquisa científica que tem como fonte de dados documentos diversos, é necessário se ater a três aspectos: a escolha dos documentos, o acesso a eles e a sua análise. Ao escolher os documentos, o pesquisador se atentou aos processos de codificação e análise dos dados com o foco procurando entender em profundidade a mensagem que os dados dispostos nos documentos revelam. Sendo assim, a análise propriamente dita consistiu na extração de informações significativas que possibilitaram a exposição do objeto de estudo e contribuiu na solução dos problemas propostos no estudo.

Foram analisados legislações que envolvem o processo do desenvolvimento da criança e que asseguram os seus direitos, de acordo com os ordenamentos jurídicos que regem essa etapa educacional foram destacados a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96, que tem como finalidade assegurar na educação infantil um desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos em relação aos aspectos sociais, cognitivos, psicológicos e físicos. Neste trabalho buscamos, ainda, realizar algumas reflexões qualitativas sobre a afetividade na relação professor(a)/aluno(a) na educação infantil. Para tanto, realizamos uma revisão da literatura, através de uma investigação científica por meio de procedimentos que procuraram compreender e examinar autores clássicos na psicologia do desenvolvimento que discorrem sobre o tema, portanto, analisamos conceitos e definições da afetividade, da infância, do desenvolvimento humano e das implicações na relação professor(a)/aluno(a).

Na revisão da literatura fizemos o levantamento conceitual de afetividade e desenvolvimento infantil, e centramos nossa análise na contribuição de Wallon e nas obras em que ele desenvolve temas na área da afetividade e da psicologia do desenvolvimento humano. Pontuamos, ainda, ideias de autores clássicos como Jean Piaget e Lev Semiónovich Vygotsky, buscando relacionar os construtos teóricos por eles definidos para investigar o impacto da relação professor/aluno no desenvolvimento da criança na educação infantil.

Para delinear os pensamentos teóricos deste trabalho foi pesquisado sobre os conceitos do desenvolvimento humano e afetividade do ponto de vista de autores como Wallon, como também as contribuições dessas discussões tanto para o

desenvolvimento cognitivo como emocional do ser humano tendo como base inicial a infância. Contribuindo também para a construção do texto foram essenciais os pensamentos e conceitos de Piaget e Vygotsky sobre afetividade. Após as análises foi realizada uma comparação das visões desses autores sobre a relação que a afetividade tem com o desenvolvimento humano e com os processos de ensino e de aprendizagem, tendo como foco as ideias de Wallon. Para complemento foram realizadas pesquisas sobre o brincar na educação infantil trazendo autores como Almeida e Borba concluindo com o papel do professor no desenvolvimento da criança dentro da educação infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou evidente que através do estudo sobre afetividade na relação professor/aluno conseguimos compreender a sua importância para o desenvolvimento do ser humano. Essa base de apoio na infância auxiliará a criança em diversos aspectos da sua vida, acompanhando sua evolução e mudanças até a fase adulta. Por meio dos autores estudados foi possível entender que os laços afetivos na educação infantil têm grande influência no desenvolvimento cognitivo, emocional e intelectual da criança, sendo assim quando existe a reciprocidade nesses relacionamentos em que mutuamente ambos são ouvidos, compreendidos e onde há uma verdadeira troca o professor se torna facilitador desse desenvolvimento, por meio de uma relação empática e humanista.

Quando refletimos sobre a educação como uma via de mão dupla, conseguimos afirmar que os vínculos afetivos formados na infância terão um grande impacto na formação desses indivíduos em todos os âmbitos da sua vida, seja nas suas relações sociais, na expressão de sentimentos e vontades, na resolução de problemas, como na construção de vínculos afetivos e na sua comunicação. Desse modo, levando em consideração que o adulto é resultado de todas as suas vivências, desde seu nascimento até a fase adulta, sendo afetado por todo esse processo educativo, e cada parte do que vivenciou vai acompanhá-lo por todas as suas fases é necessário, portanto, que tanto a escola como o professor tenha interesse e consciência da influência que terá na formação desses sujeitos, e do significado que todas estas experiências e vínculos trarão para o processo de aprendizagem.

É fundamental para o docente que esteja aberto a conhecer e compreender as diferenças e particularidades de cada criança em sua sala de aula, para que consiga recebê-la e acolhê-la de forma que se sinta parte desse novo meio social e confortável

para crescer, explorar e descobrir o mundo a sua volta. Essas relações e o modo como se desenvolverão será essencial para definir sua evolução durante a vida, não apenas na assimilação dos conteúdos, mas afetando diretamente seu emocional, como também nas suas relações e modo de viver.

No meio social familiar a criança era o centro, onde todas suas vontades eram a prioridade de todos em seu entorno, a transição de espaços com a ida para a educação infantil traz para a criança diversos sentimentos dos quais ainda não consegue expressar ou entender. O papel do professor, é procurar entender essas necessidades aproveitando as capacidades do aluno para trazê-las para condução dos processos de aprendizagem. Mediante a afetividade o docente consegue ter um olhar mais responsável para a criança, entendendo as singularidades de cada aluno/a.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. T. P. **Brincar na Educação Infantil**. Revista Virtual EFArtigos. Natal/RN- volume 03- número 01- maio, 2005.

ARCE, Alessandra. **É possível falar em pedagogia histórico crítica para pensarmos a educação infantil?** *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 5, n. 2, p. 5-12, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9695/708>> Acesso em: 26 de Fevereiro 2024.

BORBA, Ângela Meyer. **O brincar como um modo de ser e estar no mundo**. In: Brasil MEC/ SEB. Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade/ organização Jeanete Beauchamp, Sandra Denise pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

CHOR, Dora. et al. **Medidas de rede e apoio social no Estudo Pró-Saúde: pré-testes e estudo piloto**. Cad. Saúde Publica, 17(4): 887-896, 2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csp/a/svHQNzBMmfNdM3Wt3xxhGtd/abstract/?lang=pt#>

Acesso em: 10 de Fevereiro de 2024.

FAEDO, Zenaide Geraldi de Almeida. **A influência do educador infantil no processo do desenvolvimento sócio/afetivo**. 2012. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012.

LA TAILLE, Y; OLIVEIRA, M. K. ; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo, p ed 15, Summus, 1992.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para professor pesquisador**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PAPALIA, E. Diane. FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. AMGH Editora, 2013.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas**. Revista Brasileira de História e Ciências Sociais, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

SILVA, Edna Lúcia; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na pré-escola**. 7. ed- São Paulo: Cortez, 2007.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a capacidade de chegar até aqui, sem Ele não teria sido possível, glória e honra pois a Ele, aquele que começou a boa obra é fiel para terminá-la.

À minha orientadora Professora Fatima Maria, que foi essencial para a conclusão deste trabalho, sua atenção, cuidado e afeto fazem da senhora a professora que espero ser para os meus alunos.

Ao meu noivo e futuro esposo Solrac Ferreira, que me apoiou em todos os momentos, você me dá forças, obrigada por ser meu porto seguro.

A minha família, minha mãe Luciana Medeiros e ao meu pai Davi Medeiros e irmãos por todo o apoio e orações, que em diversos momentos não me deixaram desistir e que sempre acreditaram em mim.

Ao meu irmão, saiba que você me inspira a seguir.